



## Radicalmente Chique: os procedimentos de extensão no *New Journalism* de Tom Wolfe, em Radical Chique<sup>1</sup>

Priscila Natividade Dias Santos Oliveira

FSBA – Faculdade Social da Bahia<sup>2</sup>

### Resumo

O presente artigo oferece um estudo sobre a utilização dos procedimentos de extensão em “Radical Chique”, uma das reportagens mais conhecidas de Tom Wolfe, figura de grande influência no *New Journalism* americano da década 60. Uma corrente que permitiu o aprofundamento maior em torno da realidade, a partir da prática de uma narrativa, que se encontra com o fato na fronteira entre o jornalismo e a literatura. Tais procedimentos que viabilizam a capacidade de adentrar no lado subjetivo dos personagens, reproduzir diálogos, descrever minuciosamente a cena, numa aproximação do jornalista com aquilo que reporta, acabam assim, transformando a reportagem, num processo não apenas, jornalístico, mas também, numa literatura verossímil.

### Palavras-chave

*New Journalism*, Jornalismo Literário, procedimentos de extensão

Luxo, discursos, doações em prol de fundos de caridade, reuniõezinhas que acabam em festas, e é claro, “Mmmmmmmmmmmmmmmn”<sup>3</sup>... “Os pedacinhos de queijo Roquefort passados em nozes moídas”<sup>4</sup>. O radicalismo de Wolfe, através de uma observação participante e uma narração minuciosa do acontecimento utiliza o fluxo de consciência para reproduzir a subjetividade de seus personagens. Em “Radical Chique”, o autor encontra um local bem mais propício do que os grandes condomínios da *East Side*, para retratar uma reunião de uma elite assistencialista, patrocinada por Leonard Bernstein, que iria receber alguns porta-vozes do polêmico Partido dos Panteras Negras.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no III Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação.

<sup>2</sup> Bacharel em Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo, pela Faculdade Social da Bahia e Pós-Graduada em Jornalismo Contemporâneo pelas Faculdades Jorge Amado. Endereço eletrônico: [priscila\\_nativa@yahoo.com.br](mailto:priscila_nativa@yahoo.com.br)

<sup>3</sup> (WOLFE, 1997, p.08)

<sup>4</sup> (WOLFE, 1997, p.08)



A obra publicada em 1970 respira o furor do Novo Jornalismo americano, que tem em Tom Wolfe um dos seus principais percussores, pela produção de uma reportagem que mistura jornalismo e literatura, maximizando a noção de profundidade, trazendo para o leitor as impressões de um repórter que foi até lá bancando o empregado. Numa época em que era moda ser “engajado” em benfeitorias sociais, com o objetivo de conquistar prestígio e a fama de politicamente correto, o jornalista adentra a cobertura duplex da alta sociedade nova-iorquina, de maneira satírica e envolvente, como se o leitor também fizesse parte da festa, digo, reuniãozinha.

A reportagem demonstra ainda as tensões entre os socialites e os Panteras Negras, um partido negro revolucionário americano, fundado em 1966 em prol da luta de direitos civis dos negros. Os novos-chiques tinham uma queda por esses grupos, em que a moda do momento, em meio a toda aquela efervescência contracultural era estar ao lado de causas radicais.

Diante dessa proposta, os procedimentos de extensão utilizados por Wolfe são resultados do próprio radicalismo do *New Journalism* americano, que misturava elementos da ficção, com a descrição da realidade e permitia que o repórter atuasse não apenas como observador do fato, mas também agisse como uma espécie de co-participante, já que suas impressões também eram levadas em conta, mesmo este disfarçado de empregado da elite emergente.

Num momento de êxtase narrativo do fazer jornalístico, primeiramente serão retomadas algumas idéias do Novo Jornalismo. Daí em diante, partiremos para os processos estabelecidos por Edvaldo Pereira Lima (2004), em “Páginas Ampliadas – o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura”, tendo “Radical Chique” como personagem principal desta análise. Sendo assim, bem-vindos a festa.

## 1. Um pouco de New Journalism

Em meio ao *lead*, objetividade e a pirâmide invertida, surge, no início da década de 60, uma corrente que vai resgatar a tradição do jornalismo literário. O *New Journalism* chega na última metade do século, para quebrar os padrões da notícia e reinventar o modo de conceber a realidade jornalística.

Mesmo com a persistência de alguns cadernos culturais dos anos 50, é no *New Journalism*, que a notícia é, de fato, concebida pela literatura. A corrente liderada por Tom Wolfe, Norman Mailer, Truman Capote e Gay Talese propunham um jornalismo mais dinâmico, expressivo e



aprofundado, em relação ao fato reportado. A reportagem passa a adotar técnicas literárias, a fim de produzir uma realidade fantasiada de ficção.

Gabriela Weber de Moraes caracteriza o nascimento deste “Novo Jornalismo” como uma consequência do espaço vazio deixado pelos escritores de ficção do período:

Os jornalistas americanos dos anos 60 começam a penetrar na realidade social para contar o que estava acontecendo no país. Começam pelos *features* (matérias frias) nos jornais diários, passando então para as edições dominicais dos mesmos, crescendo até atingir as revistas independentes como a *The New Yorker* e a *Squire* para finalmente, desdobrarem seus talentos sobre o veículo mais adequado para a renovação estilística proposta por estes representantes do *New Journalism*, ou seja, o livro-reportagem<sup>5</sup>.

Os Estados Unidos efervescia com a contracultura. O movimento *hippie*, o materialismo excessivo do *american way of life*, o cinema *undeground*, a Guerra do Vietnã, a liberdade sexual, o *rock in' roll*. Era a quebra de padrões, costumes e normas da clássica e puritana família americana<sup>6</sup>.

Diante deste cenário, onde estava a imprensa? Os veículos de comunicação da época, inclusive o jornal, fingiam não ver o que estava acontecendo nos Estados Unidos. Continuavam reféns de fatos e notícias, que se mantinham distantes destas tendências. É, justamente, a partir deste panorama, que se insere outra contracultura, como o mesmo vigor revolucionário da primeira<sup>7</sup>. Um jornalismo revigorado pela narração literária de histórias reais, elementos informativos e uma espécie de ficção realista, em que “os eventos estão meramente acontecendo na página impressa, mas as emoções são reais”<sup>8</sup>.

A revolução de costumes e o cotidiano conduziam o *New Journalism* a pensar num jornalismo preocupado com a qualidade literária, sem deixar de contar o que estava acontecendo nas ruas, com mais profundidade, dinamismo e expressão. A mola propulsora da corrente vinha do realismo social, praticado por Balzac, Fielding, Smollett, Gógal e Dickens, abandonado pela literatura americana e reformado pelos “novos jornalistas”<sup>9</sup>.

Do realismo social, o *New Journalism* adequou alguns recursos para compor um texto jornalístico confluyente com a literatura e a realidade, até então esquecida, pelos jornais da época. Tinha-se, assim, a valorização do ponto de vista de quem estava diretamente ligado à história; o fluxo de consciência, que reproduzia o pensamento do personagem de maneira simultânea e

---

<sup>5</sup> (MORAIS, 2004, p.10-11)

<sup>6</sup> (cf. LIMA, 1998, p.44-45)

<sup>7</sup> (cf. LIMA, 1998, p.45)

<sup>8</sup> (WOLFE, apud LIMA, 2004, p.200-201)

<sup>9</sup> (cf. LIMA, 2004, p.197)

desorganizada; o ponto de vista autobiográfico criado por Mailer, em que o repórter faz referência a ele próprio<sup>10</sup>.

Os símbolos do cotidiano situam o leitor próximo a aquilo que vive. A construção cena-a-cena é outro recurso utilizado pelo Novo Jornalismo. A narração é organizada no tempo presente de uma forma que conduza o leitor a um contato dinâmico com o texto e o fato reportado. E, por último, temos o emprego dos diálogos utilizados de uma forma solta e simples, a fim de ritmar a leitura. Nesta fase, prima-se pela veracidade do discurso, recurso, este, que naturaliza e dá uma certa credibilidade à narrativa<sup>11</sup>.

Em linhas gerais, Edvaldo Pereira Lima caracteriza esta reformulação e ousadia do jornalismo, perante a industrialização da notícia:

A chance que o jornalismo poderia ter para se igualar em qualidade narrativa, à literatura, seria aperfeiçoando seus meios sem, porém, jamais perder sua especificidade. Isto é, teria de sofisticar seu instrumental de expressão, de um lado, elevar seu potencial de captação do real de outro. Esse caminho chegaria a um bom termo com o *New Journalism*. (...) O *New Journalism* resgataria, para esta última metade do século, a tradição do jornalismo literário e conduzi-lo-ia a uma cirurgia plástica renovadora sem precedentes<sup>12</sup>.

A subjetividade da literatura e a realidade do jornalismo mostram-se presentes no livro-reportagem e rendem boas histórias. O marco inicial foi edificado por “A sangue Frio”, de Truman Capote, lançado em 1966. O livro trouxe à cena, investigações sobre a chacina de uma família de fazendeiros do meio-oeste americano. Outros títulos como “O exército da noite”, de Norman Mailer, também marcaram este momento de êxtase narrativo<sup>13</sup>.

Imagine um jornalismo compactuado com uma vivência particular de mundo? No *New Journalism*, o repórter vai às ruas sentir de perto a realidade, como exemplifica Edvaldo Pereira Lima:

Um jornalista quer mostrar a vida dos faxineiros que limpam as fontes de Nova York. Então, ele não vai entrevistá-los fria e secamente, como faria um repórter convencional. Nem pensar! Ele simplesmente consegue um emprego de faxineiro, vai conviver com eles no trabalho, no lazer, nas angústias, nas alegrias, nos sonhos, nas decepções<sup>14</sup>.

---

<sup>10</sup> (cf. LIMA, 1998, p.48)

<sup>11</sup> (cf. LIMA, 1998, p.48-51)

<sup>12</sup> (LIMA, 2004, p.191-192)

<sup>13</sup> (cf. LIMA, 2004, p.195)

<sup>14</sup> (LIMA, 1995, p.47)

O processo de captação, a preocupação estética e atrativa com aquilo que está sendo escrito configuram o que há de novo neste jornalismo. Contracultura nas ruas, contracultura nas redações. O *New Journalism* quebra a formalidade e o distanciamento do jornalista quanto à notícia. Paralelo à isso, na literatura dos anos 40 até o início da década de 60, desponta o classicismo romântico, o vigor e seriedade desta arte secular de contar histórias. A ficção reinava absoluta nas obras literárias da época. As atenções e opiniões divididas voltam-se para o experimentalismo espevitado do *New Journalism*:

O Novo Jornalismo traz a luz dos holofotes o mesmo timbre comum de sensualidade, de mergulho completo, corpo e mente, na realidade como acontecia em todas as formas de expressão da contracultura. (...) A objetividade da captação linear, lógica, somava-se a subjetividade impregnada das impressões do repórter<sup>15</sup>.

A expressão deste tipo de jornalismo enfrentou uma forte resistência, entre os literatos mais tradicionais, ao ver o jornal se inserir dentro do livro, além dos jornalistas “quentes”, focados na busca incessante pela objetividade e furo da notícia. De um lado, os escritores achavam que o pé na realidade poderia deslocar a pretensão ficcional do texto literário. Já os profissionais do jornalismo, não concebiam um jornalismo subjetivo, muito menos, algo que interagira ficção e realidade. A velha discussão: literatura é literatura, jornalismo é jornalismo e vice-versa<sup>16</sup>. Somente em 1969, quando o Novo Jornalismo alcança *status* literário próprio é que os escritores se aventuram no retrato da realidade.

De acordo com Edvaldo Pereira Lima, durante a ascensão do retrato da realidade, através de uma estrutura literária, a corrente hispano-americana do período, consegue se aproximar da vivacidade e sedução propostas pelo *New Journalism*. Já o romance do *nouveau roman* francês mantém seu tom cerimonioso, sem se envolver muito nas mudanças. É a partir daí que a literatura reabsorve muitas de suas características, remodeladas pelo experimentalismo jornalístico<sup>17</sup>.

No final dos anos 70, o vigor do *New Journalism* é abalado pelo remate da contracultura, o que culmina no seu fim. A rebeldia criativa, entretanto, deixou uma marca que prova a possibilidade de conceber um fazer jornalístico literário, mantendo-se fiel à realidade. O livro-reportagem é quem, em especial, carrega esta essência e o legado deixado por essa corrente:

O *New Journalism* como corrente da prática da grande reportagem, particularmente na forma de livro, não existe mais. Convém que você saiba,

---

<sup>15</sup> (LIMA, 2004, p.195)

<sup>16</sup> (cf. LIMA, 1995, p.146)

<sup>17</sup> (cf. LIMA, 2004, p.199)

porém, que essa tendência foi apenas a expressão moderna de algo que sempre existiu ao lado da corrente convencional do jornalismo: o jornalismo literário. Repórteres rebeldes sempre procuraram, ao longo da história, manter viva a chama da reportagem mais solta, criativa, provocante, tirando da literatura – e de outras formas de compreensão e expressão do mundo – inspirações renovadoras<sup>18</sup>.

## **2. O Novo Jornalismo em meio a liberdades e processos de extensão**

A amplitude de um jornalismo cotidiano fincado numa espécie de qualidade literária, encontra nos estudos de Edvaldo Pereira Lima (2004), alguns procedimentos que desencadeiam essa extensão, que vai do jornalismo até a literatura, sem perder seu compromisso com a veracidade do fato. A extensão pela pauta, a complementação pela captação e a fruição pelo texto funcionam como alternativas que dimensionam essa noção de aprofundamento da realidade e enriquecimento narrativo da reportagem jornalística, que sai da posição de pirâmide invertida e chega até um terreno criativo e cheio de possibilidades, algo que vai vitalizar o jornalismo literário.

Tendo em vista o recorte da amostragem, que contempla o estudo proposto, a seguir, esses processos serão estudados em “Radical Chique”, observando, durante a análise suas particularidades, frente às questões teóricas elucidadas pelos procedimentos de extensão. Desta forma, segue, então, o Tom Wolfe radicalizando a proposta.

### **2.1 A extensão pela pauta**

A extensão pela pauta permite que o jornalista possa, durante as reportagens, ampliar para o leitor a compreensão do fato, sem necessariamente estar preso à temporalidade do episódio. Ou seja, o que acontece hoje pode ser uma notícia tão contundente como o que também acontecera ontem. A história retratada por Wolfe em “Radical Chique”, remonta um caso que aconteceu em janeiro de 69, mas que se mostra atual nos dias de hoje, se pararmos para pensar nas relações entre os frequentadores de colunas sociais e doações a fundos de amparo e promoção de festas

---

<sup>18</sup> (LIMA, 1995, p..51-52)

beneficentes. A contemporaneidade é o que permeia a predisposição da pauta, assim como aspectos da sociedade constituem a relevância da narrativa.

Sociedade esta, que Wolfe estabelece claramente na obra demarcando os motivos, o contexto, personagens, sua condição e exposição no meio, bem como, o desfecho de toda a cena que fora reportada e ambientada naquele chiquerrímo duplex, além da repercussão desta, até mesmo nos veículos de comunicação. Daí emana uma série de liberdades que se mostram conjugadas, a idéia de contextualização e profundidade defendida pelos procedimentos de extensão no relato de acontecimento. Edvaldo Pereira Lima<sup>19</sup> denomina assim, a liberdade temática, de angulação, de fontes, temporal, de eixo de abordagem e de propósito.

Em “Radical Chique” o jornalista usa e abusa desses procedimentos ao circunscrever uma reportagem que começa num sonho e termina num pesadelo. Nesse trajeto, Wolfe vai inserindo a base contemporânea, junto às discussões quanto à temática que ele retrata. A sensação é de que ele compartilha com o leitor sua angulação e abordagem satírica, num relato que transita entre a tragédia de uma reuniãozinha que causou na opinião pública um efeito contrário ao que se esperava, e uma comédia, pela exposição de como isso aconteceu.

Nossa, que avalanche de tabus passa pela cabeça da gente nesses eventos radicais chiques... Mas é uma delícia. É como se os nossos terminais nervosos estivessem em alerta-vermelho captando as nuances mais íntimas da condição social. Neguem se quiserem! Mesmo assim, ela atravessa a alma de todos. É a matéria das maravilhosas contradições de parte a parte. É como o delicioso tremor que sentimos quando tentamos juntar à força as pontas das duas ferraduras imantadas... *eles e nós...*<sup>20</sup>

Entre a necessidade quase que vital de empregados, em meio à condição da “defesa” de causas radicais, como por exemplo, a contratação de empregados brancos e a encomenda de saias confeccionadas com pele de gato-de-rua, a fim de amenizar esse “fosso” que determina a pirâmide social, Wolfe transita com flexibilidade e bom-humor no mergulho dessas questões, a partir de um pensamento desencadeado pela narrativa desse acontecimento.

## 2.2 A complementação pela captação

---

<sup>19</sup> (2004, p.82-86)

<sup>20</sup> (WOLFE, Tom, 1997, p.13)

Entrevistas diretas não marcam tanta presença, especificamente, no processo de captação que construiu a reportagem analisada. Já a contextualização a cerca da memória, que enumera os fatores que ocasionaram tal acontecimento ganham espaço em “Radical Chique”, situando a onda do momento:

Que beleza! Na verdade a *nostalgie de la boue* ou idealização das almas primitivas, foi um dos fatores que pôs o Radical Chique em evidência na Sociedade de Nova York. A *nostalgie de la boue* é um termo francês do século XIX que significa literalmente “nostalgia da lama”. Na Sociedade de Nova York a *nostalgie de la boue* foi grande tema durante a década de 1960, desde o momento em que duas damas da sociedade, Susan Stein e Christina Paolozzi, descobriram o Peppermint Lounge, o twist e os dois dos primeiros ídolos primitivos da época, Joey Dee e Killer Joe Piro. A *nostalgie de la boue* tende a se tornar um tema favorito sempre que uma multidão de caras novas e uma montanha de dinheiro novo ingressam na sociedade. Os recém-chegados sempre tiveram duas maneiras de afirmar sua superioridade sobre a odiada “classe média”. Eles podem assumir aparência externa da aristocracia, tais como arquitetura imponente, os empregados, os grandes vasos de plantas e a etiqueta; e podem se permitir a excitação *gauche* de adotar certos estilos das camadas inferiores. Os dois não são mutuamente excludentes; na verdade, aparecem sempre combinados<sup>21</sup>.

Uma outra característica-chave, herança também deixada pelo *New Journalism*, que se vê de maneira freqüente no texto de Wolfe é a visão pluridimensional da realidade, nesse caso, permeada, não pela presença de várias vozes, mas sim, pela dimensão particular de cada personagem, algo conhecido como fluxo de consciência. A técnica apresenta ao leitor uma espécie de sensação de que este está experimentado a realidade subjetiva que faz parte da mente do personagem. Tal processo pode ser exemplificado na passagem que Leonard Bernstein se mostra envolvido em um dos seus sonhos, fruto da insônia depois de um despertar assustado em meio à escuridão de seu quarto:

Por um instante, sentado ali sozinho naquela hora morta, Lenny acha que a idéia pode até funcionar e anota. Imaginem só as manchetes: BERNSTEIN ELETRIZA CONCERTO COM DISCURSO ANTIBÉLICO. Mas em seguida seu entusiasmo arrefece. Acovarda-se. Afinal, quem era aquele negro que surgia ao lado do piano e anunciava para todos que Leonard Bernstein estava bancando o idiota? Não fazia sentido aquele superego negro ao lado do piano de cauda<sup>22</sup>.

A presença contínua do fluxo de consciência para compor a reportagem, paralelo a participação direta de Wolfe na descrição dos fatos, acaba por deixar escapar na narrativa, os próprios

---

<sup>21</sup> (WOLFE, 1997, p.30)

<sup>22</sup> (WOLFE, 1997, p.07-08)

pensamentos do repórter. Seria então, um fluxo de consciência do jornalista? Nesse sentido, um dos principais recursos de captação utilizados por Tom Wolfe foram suas impressões como um observador participante, já que, como todo radical do Novo Jornalismo, ele é do tipo que vai até lá e faz a reportagem nascer de suas anotações, algo que faz parte da própria condição instaurada pelo *New Journalism*. Wolfe registra gestos, maneiras, reações, comportamentos, vestuário, relação com empregados, discussões e outros detalhes, que passariam despercebidos no jornalismo convencional, mas que ganham força e intensidade na cena realista descrita por ele.

Que meeer-da. Pra que é que o Cox foi tocar nesse assunto? Quat e o homenzinho cinzento estão prontos para entrar em ação em uma fração de segundo. Pelo amor de Deus, Cox, não abra a lata dos podres. Mesmo nesta reunião de crânios acolchoados há quem seja capaz de concluir *quem* são os tais comerciantes, que grupo, e como são feitos esses *pedidos* de doações, contornamos esse probleminha a noite inteira, cara – não vá agora tirar *essa* bomba do saco...

Mas o momento passou. De repente havia uma pergunta muito mais urgente vinda do fundo da sala:

- Quem é que vocês chamam para dar uma festa? Quem é que vocês chamam para dar uma festa?

Todas as cabeças giram para trás... Que figurinha... É um louro esguio que abriu caminho até a frente dos convidados de pé. Usa smoking. Óculos de aros pretos e cabelos penteados para trás à Eaton Square. Parece o aluno eloqüente de Yale naqueles anúncios da Frigidaire em 1927 em *The Saturday Evening Post*, época em que se para vender qualquer coisa mostrava-se Harry Yale ao fundo, com o seu smoking e a linda moça com o corte pajem, saindo pra jantar no New Haven Lawn Club. O homem continua com a mão erguida como um ginasiano modelo<sup>23</sup>.

O enfoque se dá assim, principalmente, na percepção do jornalista, que se transforma na base de captação e construção do relato, além de cativar o leitor no universo que está sendo ali reportado, através dessa proximidade intensa e participante dentro dos fatos que permeiam a história. A imparcialidade e a objetividade são assim, substituídos pela maneira como o repórter se joga dentro da história, a fim de aprofundar seu contexto e mergulhar nela com todo realismo, frente a detalhes e ligações que podem ser estabelecidas a partir dessa aproximação.

### 2.3 A fruição pelo texto

---

<sup>23</sup> (WOLFE, 1997, p. 27-28)

A fruição pelo texto em “Radical Chique” se dá através da fusão das diversas maneiras de se concebê-lo. O autor transita entre a narração, exposição, descrição e diálogo, ao articular a reportagem do acontecimento. Da mesma forma que ele narra um determinado fato, ele expõe suas nuances e descreve os detalhes que são mais pertinentes ao envolvimento do leitor com a cena.

Uma sineta tocou, uma sineta de mesa de jantar, pelo som, o tipo que se chama a empregada da cozinha, e a festa se deslocou do hall para a sala de jantar. Felicia vinha à frente, Felicia e um homenzinho cinzento, de cabelos cinzentos, rosto cinzento, terno cinzento e um par de suíças cheias, mas cinzentas. Em resumo, um homenzinho cinzento que apareceria em momentos-chave... para manter o trem da história nos trilhos, por assim dizer...

Felicia estava do lado mais afastado da sala de estar tentando persuadir todos a entrarem.

- Lenny! – chamou. – Diga ao pessoal da periferia para entrar! – Lenny estava ao fundo, próximo ao hall.

- Periferia! – convidou Lenny. – Vamos entrar!<sup>24</sup>

As técnicas de angulação e aplicação das funções da linguagem favorecem, na verdade, uma outra característica fortemente presente no texto de Wolfe. O ponto de vista do autor é desencadeado por diversas vezes, num tom crítico e opinativo, como um alguém atento ao que reporta e de fato presente, naquela determinada cena ou acontecimento que está narrando. Mais uma vez, o radicalismo do autor entra em cena:

Em 29 de fevereiro alguém vazou esse maldito memorando para o maldito *New York Times*, e fora suficiente. Agora ele estava investido, instalado, inaugurado, instituído, transfigurado, em Sr. Anfitrião dos Panteras pro resto da vida. A referencia ao seu “coquetel” se achava no mesmo parágrafo que a “incúria benigna” E não melhorou muito a situação quando a Sra. Astor despachou uma carta urgente ao *Times* informando que não estivera na “festa”. Recebera um convite, como muitas outras pessoas, supunha, mais na realidade *não* comparecera. Obrigado mesmo, Brook Astor.

Tolos, rústicos filisteus, militantes do Birch Society, da B’nai B’rith, da Liga de Defesa, peruas de Hadassah, UJA viadores, irlandeses de sala de concertos, WASPs ignorati, joões-ninguém, leitores de jornais – todos o vaiavam, ele, Leonard Bernstein, o *engregio maestro*... *Buuuuuuu*... Não havia a menor dúvida. Não estavam pigarreando. Espremidos em seus lugares herdados de quatorze dólares e meio puxavam do fundo falso da barriga as velhas vaías dos conjuntos populares de outrora. *Buuuuuuu*. Leitores de jornais! Aquela reportagem descabelada do Times contara que

---

<sup>24</sup> (WOLFE, 1997, p.16)

ele e Felicia tinham oferecido uma festa aos Panteras Negras e que ele doara um cachê ao fundo de defesa do Partido, e agora, estendia-se diante dele em Nova York uma platéia de peitilho engomado, formado de fanáticos de bomboniere, Moshe Dayans verdureiros com vendas nos dois olhos...

... certa vez, após um concerto na Itália, um velho italiano, um daqueles gloriosos italianos de terno escuro penteado a ferro e um colarinho alto com verdadeiros bordados de linha branca cerzindo a dobra puída do colarinho, um daqueles velhos europeus que parecem ter sido impregnados, curtidos, marinados em séculos de cultura genuína, numa terra em que o povo compreende a arte de *viver* e a arte de *sentir*, e não tem a vergonha de expressar o que guarda no peito – este velho se dirigira a ele, com os olhos rasos de lágrimas e as mãos honestas e nodosas amassando bolas de neve imaginárias, e disse:

- Egregio maestro! Egreggggggggggio maestro!

A maneira como ele anunciou isso, combinando o *engregio*, “distinto”, com *maestro*, “mestre”... bem, a maneira com que enunciou isso referindo-se a um regente tão magnífico, tão brilhante, tão ofuscante, tão transportado, tão transcendente, portanto – sim! – imortal... bem ao existe nenhuma palavra em toda língua inglesa capenga e burra que a descreva. E naquele momento Leonard Bernstein percebeu que chegara lá...

- Buuuuuuuu! Buuuuuuuu!

Era inacreditável. Mas era real. Esses verdureiros... ele era o bode expiatório, e um bando de cretinos de peitilho branco em cadeiras de quatorze dólares e meio o vaiavam, e não era alucinação de um insone Na solidão da madrugada.

Será que aquela aparição preta, aquele maldito negro junto ao piano, ia continuar a assombrá-lo saltando do bojo de um piano de cauda para o resto de sua vida?<sup>25</sup>

Outro detalhe - o texto não segue necessariamente uma linha apoiada naquele esquema de começa aqui e termina ali. Mas, os fatos são jogados de acordo com a seqüência estabelecida pelo próprio autor. Ele inicia o livro falando sobre o sonho de Leonard Bernstein, de lá Wolfe já entra no ambiente das reuniões elitistas, cai na história dos Panteras Negras, volta a festa, segue pelo assistencialismo radical dos novos-chiques, entra em outro duplex, retoma a festa, fala das repercussões. No entanto, o desfecho da história retoma o tal sonho desse mesmo personagem.

Em “Radical Chique”, Tom Wolfe utiliza o mais estonteante *New Journalism*, algo que acabou por configurar muitas das técnicas e processos de extensão elucidados por Lima, em sua forma mais radical, como lhe é peculiar. Na obra em questão, o jornalismo e a literatura se fundem a uma narrativa envolvente, contemporânea, contextualizada e também crítica, quanto ao universo da

---

<sup>25</sup> (WOLFE, 1997, p. 79-80)





\_\_\_\_\_. **O que é livro-reportagem**. São Paulo: Brasiliense, 1998.

\_\_\_\_\_. **Páginas Ampliadas**: O livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura [Edição revista e atualizada]. São Paulo: Manole, 2004.

MORAIS, Gabriela Weber de. “Livro-reportagem – amalhando experiências para contar uma história”. Material apresentado no II Encontro Nacional da Rede Alfredo Carvalho. Disponível em: <[http://www.jornalismo.ufsc.br/redealcar/cd/grupos%20de%20trabalho%20dehistoria%20damidia/historia%20da%20midia%20midiaimprensa/trabalhos\\_selecionados/gabriela\\_weber.doc](http://www.jornalismo.ufsc.br/redealcar/cd/grupos%20de%20trabalho%20dehistoria%20damidia/historia%20da%20midia%20midiaimprensa/trabalhos_selecionados/gabriela_weber.doc)> Acessado em: 24 de fevereiro de 2005.

WOLFE, Tom. **Radical Chique & o Terror dos RPs**. Tradução de Lya Wyler. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

\_\_\_\_\_. **Radical Chique e o Novo Jornalismo**. São Paulo: Cia. Das letras, 2005.